
COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA TERCEIRA IDADE: UM ESTUDO DA PRÁTICA INFORMACIONAL

Ellen Costa
ellenfsc@gmail.com

Marianna Zattar
Doutora em Ciência da Informação
Docente do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação - UFRJ
mzattar@facc.ufrj.br

Resumo

Apresenta o resultado de um trabalho de conclusão de curso que pretende analisar a prática informacional de idosos em mídias sociais digitais. Orienta a proposta a partir do apoio teórico dos estudos de Competência em Informação e Prática Informacional de modo que as relaciona. Indica método descritivo e abordagem qualitativa na composição do procedimento metodológico. Expõe as escolhas relacionadas à composição da amostra na seleção de um determinado grupo de idosos que responderam um questionário organizado em perguntas abertas e fechadas, como ferramenta na coleta e na análise de dados. Indica como resultado parcial, a necessidade da promoção da Competência em Informação para amenizar e/ou solucionar problemas informacionais relacionados à população idosa.

Palavras-chave: Terceira Idade. Prática Informacional. Competência em Informação. Desinformação.

1 INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC) surgiram também nos últimos anos meios que auxiliam em diferentes formas de interação para além dos limites presenciais. Tais transformações impactaram diretamente os modos de construção coletiva do conhecimento, especialmente nos cenários de discursividade e diálogo. No contexto das novas formas de participação estão as mídias sociais digitais como esferas de trocas e produção da informação e do conhecimento, como o *WhatsApp* e o *Facebook*, por exemplo.

Pesquisas sobre os modos de produção da informação e do conhecimento são realidade no campo de estudos da informação. Desse modo, tem-se como possibilidade o estudo da prática informacional a partir do olhar da construção coletiva em determinado contexto. De acordo com Lankes (2007) o conhecimento é gerado a partir da interação em diferentes espaços e comunidades.

A perspectiva coletiva do contexto atual da sociedade está respaldada, entre outras coisas, em um grande fluxo de criação, disponibilização e consumo de informações e

desinformações. Relaciona-se à problemática da desinformação a promoção da competência em informação como uma possibilidade de ações no âmbito informacional de forma autônoma e crítica, ou de acordo com Dudziak (2010), de modo que permita e possibilite uma aprendizagem contínua.

Neste sentido, vislumbra-se a necessidade de um estudo voltado para a terceira idade, pois muito se fala sobre o idoso em parâmetros ligados aos cuidados da saúde, mas não há -em meio a tantas publicações atuais- um número relevante de estudos que foquem a prática informacional e a competência em informação, o que é preocupante, visto que as pessoas idosas, assim como quaisquer outros indivíduos, buscam e produzem informações. A preferência por esta parcela populacional está fundamentada em seu crescimento nacional que, segundo o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS, 2012) era composta por 20.889.849 pessoas entre 60 e mais de 80 anos e também no censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontou que a expectativa de vida do brasileiro tem crescido nos últimos anos,

alcançando o patamar de 75,8 anos em 2016. Para os homens esse aumento foi de 29,3 anos e para as mulheres 31,1 anos, se comparado ao ano de 1940, por exemplo. Assim, este artigo tem como objetivo apresentar o resultado de um trabalho de conclusão de curso que pretende analisar a prática informacional de idosos em mídias sociais digitais.

2 A PRÁTICA INFORMACIONAL E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DOS IDOSOS

A Prática Informacional auxilia a compreensão de como as relações e os cenários influenciam o desenvolvimento da Competência em Informação. Marteleto (1995) cita a prática informacional como uma expressão referente aos mecanismos usados para a transmissão, assimilação e rejeição de significados, símbolos e signos culturais pelas pessoas. Complementarmente tem-se, na literatura em nível internacional com as publicações da *American Library Association*, a competência em informação ligada à aprendizagem contínua e ao pensamento crítico e complexo informacional. Desse modo, neste artigo a temática está intimamente ligada às formas com que as pessoas lidam com as informações, especialmente com relação à busca no âmbito dinâmicas informacionais.

O envelhecimento pode ser considerado um processo e ocorre durante toda a vida de uma pessoa de forma progressiva e individual. Este processo pode ser notável por diversas modificações físicas, psicológicas e sociais, por exemplo.

A população de idosos vem crescendo nos últimos anos, conforme explicita o DATASUS. No ano de 2012 somavam 11.519.216 indivíduos entre 60 e 69 anos, 6.394.669 indivíduos entre 70 e 79 anos e 2.975.964 indivíduos com 80 anos ou mais no Brasil, ou seja, um total de mais de 12% da população do País. Segundo o IBGE, de 2012 a 2016, a população idosa no País cresceu 16%, levantando esta população para mais de 29 milhões, isto é, mais de 14% da população brasileira. Com o aumento desta fatia populacional, novas necessidades se explicitaram, como a melhora de serviços para autonomia, segurança, saúde preventiva e também de acesso à informação. Neste sentido, o idoso, assim como todo e qualquer cidadão, tem o direito de ser assistido e de ter

acesso às atividades que ofereçam bem-estar. Para que isto seja possível, é preciso então políticas públicas que garantam a essa população os seus direitos básicos.

Dentre as diversas opções de atividades ao idoso, o incentivo ao uso de novas tecnologias de comunicação é uma das ações que se faz importante para um melhor diálogo com a comunidade.

Para Prensky (2001), “a sociedade atual é dividida pelos indivíduos nativos digitais e imigrantes digitais”. Segundo o autor, os nativos digitais são todos aqueles nascidos e crescidos na era da internet, que possuem total imersão nas novas formas de comunicação digital. Já os imigrantes digitais são todos aqueles que precisaram aprender e se adaptar ao novo cenário informacional, que nasceram e se desenvolveram em um cenário anterior, fora da era da internet.

Analisando mais profundamente o contexto social, é possível observar que esta divisão pode facilmente ser reorganizada se forem considerados fatores que diferenciam cada comunidade, tais como a oportunidade de acesso, a idade, a situação socioeconômica e também as escolhas pessoais. Também é possível observar diferenciados níveis dentro de tal divisão, aumentando ainda mais a complexidade de análise. Se as parcelas populacionais que não estão introduzidas nas novas formas de acesso e compartilhamento informacional forem consideradas, haverá então mais dois grupos além dos citados por Prensky, como os refugiados e os leigos digitais, por exemplo.

Os refugiados digitais são indivíduos que têm como característica a privação e/ou a recusa para inovações do atual cenário informacional e de novas competências tecnológicas. Do mesmo modo é possível mencionar os leigos digitais, também conhecidos com *voyeurs*, que apesar de assimilarem o mundo informacional de uma forma subjetiva, desconhecem as atuais fontes digitais de busca e compartilhamento informacional, não possuindo familiaridade nem experiências com o ambiente digital.

Esta ausência de familiaridade, se for analisada de acordo com a divisão de Prensky (2001), pode ser compreendida pelas dificuldades de adaptação ao novo ambiente informacional, e neste sentido, pode-se inferir que existe uma parcela considerável da população idosa que se encaixa nos parâmetros

do último grupo elencado. Esta constatação pode ser justificada por algumas barreiras, dentre elas a de acesso às tecnologias de informação e comunicação.

Conforme explicitado por Prensky (2001), algumas pessoas que viveram em épocas informacionais antecessoras as atuais, possuem certo nível de dificuldade de aprendizado, por conta dos vícios, chamados pelo autor de “sotaques”. Assim como uma pessoa que aprende uma nova língua apresenta certos tipos de resistência para a perfeita fluência, grande parte dos imigrantes digitais também apresentam características que podem dificultar o novo aprendizado, gerando algumas barreiras a serem superadas.

Se for levado em conta a população idosa em questão estudada, é possível compreender que impasses como a inclusão social limitada e a falta de integração digital são questões que contribuem para um maior distanciamento das novas ferramentas de comunicação, visto que no cenário tecnológico atual os ambientes de compartilhamento informacional estão intimamente ligados às fontes de busca, ou seja, sem o acesso a tais ambientes é quase que impossível uma conexão proveitosa com a sociedade.

Para que um indivíduo tenha acesso à informação atualizada em tempo real, por exemplo, além da comunicação oral em seu grupo de convívio, televisão e rádio, é preciso o mínimo de intimidade com um computador, tablet ou celular, além de alguns dos sentidos minimamente preservados (como a visão, a audição e o tato) que possam garantir que determinada informação seja de fato consumida. Neste sentido, é possível compreender que a população idosa possui hábitos informacionais minimamente diferenciados por conta de suas experiências anteriores e que dificuldades de aprendizado podem ser encontradas devido a falta de acesso a tais suportes e também do ensino de tais competências.

Tendo tais considerações observadas, é possível afirmar que um dos principais meios de consumo de informação do idoso atualmente se dá pela comunicação em seu grupo de convívio, sendo este cenário variado de acordo com a realidade de cada um, por conta de sua trajetória informacional, que delineou suas preferências. Pelo fato de muitos idosos não estarem habituados às novas tecnologias, por alguns fatores já

exemplificados acima, a busca informacional de tais indivíduos pode estar relacionada a conversas com seus pares, parentes e colegas, bem como a TV e também o rádio, que foram por muitos anos os principais suportes para a busca de informações, dentro da perspectiva de idade da pessoa idosa.

É óbvio que não se pode ignorar a parcela de idosos que de fato está inserida no atual contexto de busca e compartilhamento informacional e é ativa nas tecnologias atuais, porém é preciso esclarecer que esta parcela que possui incentivo, ensino e acesso a tais tecnologias de fato é pequena diante da população idosa de nosso País, principalmente dos sujeitos que residem em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's).

3 DESINFORMAÇÃO

É cada vez maior o número de informações disponíveis na internet e junto a isso também tem crescido o número de notícias falsas. Diferente de algumas décadas atrás, agora é possível não só consumir, mas também produzir informações com maior facilidade, gerando a democratização da comunicação, mas também o aumento do conteúdo produzido sem responsabilidade. Algumas ferramentas sociais, além de promoverem a interação entre usuários, também estão ganhando notoriedade nos níveis de compartilhamento de informações diversas, tendo como exemplo as mídias sociais (*Facebook, Twitter, WhatsApp...*) que estão possibilitando nova dinâmica informacional, mas com uma parcela preocupante que vem tomando um espaço cada vez maior: a desinformação.

Apesar de parecer um problema dos dias atuais devido ao gigantesco número de informações à disposição, os transtornos que envolvem a desinformação não são dilemas específicos do século XXI e há registros deste tipo de problema a muitos séculos. Em seu artigo “A verdadeira história das notícias falsas” no jornal *El País*, o historiador cultural e bibliotecário estadunidense Robert Darnton dá exemplos claros do assunto. Um deles, no século VI fala de quando Procópio publicou um livro com conteúdo suspeito com o objetivo de deturpar a reputação do Imperador Justiniano. Outro, já no século XVII, narra que em plena Revolução Francesa um jornal fez falsa propaganda política, alimentando a

hostilidade da população pela Rainha Maria Antonieta.

Volkoff (2004) afirma que a palavra desinformação é “mal construída”, analisando que “O prefixo de, dé, des, dés indica em francês afastamento, separação, privação e não fraude [...] desinformar não significa privar de informação, mas sim fornecer uma informação falsa”. Falls (2015) indica que a palavra *desinformation* data de 1972 e remete ao dicionário *Chambers Twentieth Century*, surgindo no contexto das práticas de guerra, onde informações não verdadeiras sobre o paradeiro de tropas eram vazadas por transmissões de rádio propositalmente a fim de garantir a integridade de determinada tropa, ou até mesmo a confecção de Relatórios fraudulentos para convencer o inimigo de um ataque que na verdade não aconteceria.

Assim como todo objeto de estudo em desenvolvimento, as definições para as informações enganosas ainda são numerosas e geram certo nível de ambiguidade. Para efeitos elucidativos, Volkoff (2004) propõe que desinformação pode ser identificada como “[...] uma manipulação da opinião pública para fins políticos através de informação trabalhada por processos ocultos”. Tais processos ocultos podem ser descritos como técnicas refinadas de transformação da verdade em um produto altamente chamativo e passível de confiança que irá trabalhar como pano de fundo para deturpar a ideia inicial. Em uma analogia simples, a desinformação pode ser comparada a um *malware* que se instala em um computador aparentando ser um simples arquivo ou programa útil, mas que na verdade foi projetado para causar danos.

4 METODOLOGIA, CAMPO DE PESQUISA, POPULAÇÃO E AMOSTRA

O propósito de uma pesquisa social é colaborar para o desenvolvimento do conhecimento mediante a busca por causas e explicações de fenômenos e questões presentes na sociedade. Nesse sentido, na análise sistemática “[...] seu objetivo é fazer afirmações de base empírica que possam ser generalizadas ou testar essas declarações” (FLICK, 2013, p. 18). Assim, o tipo de pesquisa escolhido para a realização do trabalho de conclusão de curso foi exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa.

O campo de pesquisa do estudo foi em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos localizada na cidade do Rio de Janeiro. Criada no ano de 1924, a entidade se identifica como uma Instituição de grande porte e gratuita, que recebe donativos e ajudas de instituições e do Estado.

O local tem como principal objetivo atender e cuidar da velhice desamparada, atendendo ao que foi estabelecido desde a sua fundação. Em novembro de 2017, a organização acomodava 62 senhoras¹, oferecendo assistência e o conforto necessário no que diz respeito à saúde.

Neste estudo a população foi composta pelas idosas do abrigo e a amostra é formada pelas idosas que possuíam entre 60 e 75 anos no momento da coleta de dados e que aceitaram participar desta pesquisa.

Assim sendo, para a presente análise, a amostra foi composta por um número total de 15 pessoas, dentre a população de 62 idosas, ou seja, 19% das residentes do abrigo. Esta porcentagem se faz no número de idosas que, dentro de suas limitações e vontades, se propuseram a responder o questionário de forma indireta e espontânea. Na elaboração do questionário procurava-se obter dados que pudessem ser sistematizados e analisados de forma padronizada para a análise que objetivou responder ao problema da pesquisa, visto que o conteúdo desta investigação é vasto.

Contudo, as idosas da instituição não se sentiram confortáveis e/ou não conseguiram preencher o formulário por conta das limitações físicas apresentadas naquele momento da coleta. Dessa forma, para que todas que se colocaram à disposição pudessem participar e também fosse considerado o contexto e a vivência de cada participante, o questionário passou a sustentar uma espécie de entrevista roteirizada para que a oportunidade da coleta pudesse ser aproveitada.

5 ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Assim como todas as comunidades presentes na sociedade atual, a população idosa também possui formas e estratégias distintas de produzir e consumir informação. Diante da perspectiva de estudo da prática informacional de idosos em ações de busca, checagem e compartilhamento de

¹ Abrigo exclusivamente feminino.

informações, foi desenvolvido um questionário com 12 questões baseadas em uma das publicações da *International Federation of Library Associations* (IFLA) de 2017, que aborda métodos para identificação de notícias falsas, a fim de analisar os hábitos informacionais presentes na rotina destes indivíduos.

Na ilustração, a organização elenca oito pontos para o processo de checagem de fatos. Primeiramente há a orientação de investigação, de forma a considerar a fonte da informação a fim de levantar dados sobre a procedência da informação. Logo após é abordado a leitura profunda da informação, a sua história, já que a maioria das informações que se encaixam nos parâmetros da *Fake News* possuem títulos sensacionalistas para chamar a atenção.

A verificação de autoria também é citada, sendo aconselhado buscar informações sobre a procedência de quem escreveu aquela informação e se de fato o autor existe. Confirmar se de fato os links levam a determinada informação também é algo abordado, a saber se de fato há embasamento na notícia. A verificação das datas também é fator de destaque, uma vez que informações fora da atualidade se encaixam nos termos da desinformação. De igual modo há espaço para a checagem em termos de humor e preconceito, sendo aconselhado uma pesquisa para sanar dúvidas sobre possíveis sátiras e também avaliação pessoal, uma vez que valores próprios e crenças podem interferir no julgamento de determinado assunto. A publicação finaliza seus pontos abordando a consulta à especialistas, demonstrando que bibliotecários podem ser fontes de checagem, assim como sites de verificação.

Nota-se que os oito pontos se entrelaçam e devem ser praticados à exaustão na busca de informações verídicas. Tais procedimentos colaboram de forma bastante rica para o aprendizado da checagem de fatos, e consequentemente uma melhor gestão de informação do cotidiano. Neste sentido, o questionário foi elaborado para compreender como estes métodos são aplicados pela população estudada.

A primeira pergunta teve como questionamento a idade das residentes e objetivou delimitar a faixa etária das respondentes. No que se diz a respeito a esta limitação da amostra, destaca-se aqui que a

proposta do presente trabalho era a idade de 75 anos para limitar o recorte.

A segunda pergunta abordou os meios utilizados para acesso as notícias, onde apenas três (televisão, pessoas e outros) das sete alternativas (televisão, jornal, revistas, buscadores, mídias sociais, pessoas e outros) foram selecionadas. Objetivou-se nesta questão fazer o levantamento de quantas e quais fontes eram utilizadas no local diariamente pelas idosas. Quatorze respondentes informaram a televisão e as pessoas do local (parentes, amigos ou profissionais do abrigo) como principais meios para se ter notícias e apenas uma das respondentes reportou a opção “outros”, explicitando que as festas no abrigo também funcionam como fonte para a busca por informações.

A escolha destes meios pode ser justificada pela realidade do abrigo, que conta com televisões nas áreas de convívio que as idosas passam a maior parte do tempo. Não foram observados e reportados suportes para acesso à internet (computadores, celulares e tablets) ao alcance das respondentes. Quanto à busca por informações por meio de outras pessoas, foi observado que os funcionários do local (coordenadores, cuidadores e faxineiros) possuem uma relação próxima com as residentes e que de fato há uma busca informacional por parte delas (em questões ligadas ao clima, ao estado de saúde de outras residentes que vivem em outros cômodos, datas de festividades, horários, etc.)

Ainda sobre a busca informacional por meio de outras pessoas, é possível compreendê-la do ponto de vista da produção coletiva do conhecimento, visto que a comunicação é fundamental para a construção do saber. Conforme explicitado por Lankes (2007) e Savolainen (2007), o conhecimento é gerado a partir da interação e é neste aspecto que este tipo de fonte pode ser compreendido. Por meio das interações sociais dentro do abrigo entre residentes e funcionários, algumas das idosas estabeleceram métodos para sanar as suas necessidades informacionais, sendo uma delas justamente a busca por informações desta procedência. Tal ação – que é um dos comportamentos da prática informacional das respondentes – é fundamental para a seleção e organização de informações e posterior produção do conhecimento.

Uma vez sanadas as necessidades, as residentes dão início ao processo de compartilhamento para outras residentes, que também já possuem bagagem informacional de outras fontes, gerando a troca de informações e um novo conteúdo.

A terceira questão abordou a checagem da veracidade das informações e das notícias que recebem. Doze das respondentes relataram que não possuem tal hábito e três respondentes sinalizaram que é costume tal ação, informando que desenvolvem tal prática consultando as pessoas do local (parentes, amigos ou profissionais do abrigo) por meio de questionamento sobre a veracidade das informações obtidas pela televisão e/ou no confronto entre informações coletadas de pessoas diferentes e também assistindo alguns programas de televisão para esclarecimento de informações coletadas por meio de conversas (situação da cidade, condições do clima e acontecimentos diversos). A indagação buscou verificar as questões relacionadas à verificação das informações ofertadas pelas fontes de informação indicadas. Deste modo, o cenário pode ser compreendido de duas formas: as respondentes confiam nas fontes utilizadas e/ou as respondentes não possuem acesso às outras fontes para a checagem.

A quarta pergunta, relacionada à questão anterior, questionava os meios utilizados para checagem das informações, onde uma respondente sinalizou a própria TV e outras duas respondentes explicitaram que as pessoas (parentes, amigos ou profissionais do abrigo) como principal meio. Nesta perspectiva, é possível justificar tal contexto dentro do campo da Prática Informacional. Conforme explicitado anteriormente, a prática informacional pode ser compreendida como todo mecanismo estabelecido por indivíduos para a busca, o acesso, a criação e o compartilhamento de informações, moldadas social e culturalmente pela comunidade vivenciada. Sendo assim, os métodos utilizados pelas três idosas do abrigo se moldam de acordo com o ambiente coletivo vivido e as fontes ofertadas para o suprimento de suas necessidades informacionais.

Do mesmo modo podemos analisar a falta de hábito de checagem das outras 12 respondentes. Não é suficiente oferecer a informação, é preciso também promover a participação crítica e ética a partir de métodos que certifiquem a qualidade e a confiabilidade

daquilo que pode ser compartilhado e é neste contexto que se faz importante o desenvolvimento de estudos do ambiente para a aplicação de projetos relacionados às práticas de competência em informação, colaborando para uma melhor experiência informacional das idosas. Isto se faz possível porque oferece a elas a capacidade de reconhecer suas necessidades e a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Por meio dos ensinamentos da Competência em Informação se faz possível o melhoramento da prática informacional, uma vez que dá as sujeitas a possibilidade de adquirir uma perspectiva própria e independente, mesmo dentro de um ambiente partilhado.

A quinta pergunta abordou a questão da procura de informações sobre as fontes das notícias que as residentes recebem, e o objetivo da pergunta era analisar se a população do local se preocupava com a procedência das fontes utilizadas para acesso à informação. Nesta etapa as respondentes em sua completude sinalizaram de forma negativa para a prática.

Tais parâmetros reforçam a importância da promoção da Competência em Informação para a sociedade com o ensino das práticas que envolvem a identificação das necessidades, o encontro de informações relevantes, a avaliação crítica destas informações e a sua organização para o seu uso de forma efetiva. A ALA desde 1989 (e posteriormente em 2016) julga a competência em informação como essencial a todo indivíduo, sinalizando ainda que estas práticas são “uma habilidade de sobrevivência na era da informação”.

No ambiente analisado, este ensino proporciona o aprendizado de novos processos de busca e compartilhamento de informações, possibilitando as residentes o aperfeiçoamento de suas práticas e a adaptação aos novos métodos informacionais, garantindo autonomia. É importante destacar que a prática informacional das residentes, além de sofrer influências, também está baseada em fontes com dinâmicas distintas. Por mais que haja a coexistência de diversos suportes, é preciso analisar que os métodos de consumo de informação, por exemplo, de 50 anos atrás são minimamente diferenciados.

Neste sentido, então, é possível afirmar que a promoção da Competência em Informação para a terceira idade se faz importante então no esclarecimento dos novos meios

informativos que possibilitariam novas formas de busca e checagem de informações.

A sexta pergunta, relacionada a procura de informações completas das notícias recebidas, tinha por objetivo analisar o interesse das residentes do local pela investigação de informações íntegras. Foram coletadas três devolutivas positivas e 12 negativas. Para as positivas houve três justificativas de procura por informações completas pela televisão, por meio de noticiário. Pode-se notar por parte da devolutiva positiva a preocupação de se ouvir toda uma notícia para que se pudesse compreender o fato ocorrido e assim poder passá-lo em diante, por meio de conversas entre as pessoas que frequentam a instituição. Esta ação está de acordo com segunda recomendação da IFLA (2017) intitulada como “Leia Mais”.

Apesar das respondentes não estarem praticando a “leitura”, o fato de ouvir toda uma informação para avaliar se ela é verdadeira e passível de compartilhamento faz com que esta prática seja esteja dentro dos parâmetros solicitados. O grande número de respostas negativas pode ser compreendido pelas fontes informativas disponíveis no local estudado, que também são usadas para checagem.

Analisando tal cenário sob a perspectiva das habilidades em informação, citadas por Lau (2008), a informação é “um recurso fundamental para a aprendizagem e o pensamento humano”. Neste sentido se faz necessário esclarecer que para um indivíduo ser competente em informação e consequentemente estar bem informado, ele necessita não só “ouvir” o que lhe é ofertado, mas também “ser capaz de reconhecer suas necessidades de informação, saber como localizar a informação necessária, identificar o acesso, recuperá-la, avaliá-la, organizá-la e utilizá-la”. (LAU, 2008, p. 8)

A sétima pergunta abordou a procura por especialistas para a checagem de informações e teve como objetivo entender a busca informativa das residentes por pessoas capacitadas para a elucidação de possíveis questões. Foram recuperadas três incidências positivas e 12 negativas. As respondentes de incidência positiva relataram que quando há ocorrência de dúvidas sobre determinada

informação, os especialistas consultados são os profissionais do próprio abrigo, que envolvem coordenadoras, cuidadoras e enfermeiras. Foi levantada a questão de quais funcionários e as respondentes sinalizaram as cuidadoras como principal fonte, por estarem em contato diário e direto.

Sobre o modo como a checagem era feita, as respondentes sinalizaram que perguntam as funcionárias nos horários de cuidado diário, como no banho e nas refeições, as questões relacionadas ao que ouviram por conversas e/ou pelos noticiários. Compreende-se então que apesar das fontes de consulta não serem especialistas (quando o assunto pesquisado não envolve questões relacionadas a saúde e cuidados), há a tentativa de estabelecer a verificação de informações de acordo com as instruções publicadas pela IFLA. O fato de existir a procura das cuidadoras como fonte especialista também é justificado pelo cotidiano da instituição, que conta com o trabalho das cuidadoras em tempo integral, não havendo outros profissionais em contato diário com a população² e também está relacionada às questões de confiabilidade. Apesar da instituição contar com trabalhos semanais ligados a Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UnATI.Uerj), esta opção não foi elencada pelas residentes.

A oitava pergunta, relativa a questão de verificação dos aspectos relacionados à checagem de autoria, teve como objetivo identificar a preocupação da população estudada na busca por informações de fontes seguras a partir da responsabilidade, onde as mesmas três respondentes das questões relacionadas à checagem relataram que se preocupam em saber quem é o autor da informação e as outras 12 reportaram não ter este dado como parâmetro principal para considerar uma fonte.

Nos parâmetros da realidade do abrigo, pode-se considerar que este tipo de informação também precisa ser checada, uma vez que um boato, por exemplo, pode causar preocupações adversas nas residentes. Para que se torne realidade este tipo de conduta dentro da instituição, é preciso, dentre vários outros aspectos relacionados ao ensino da

² A coordenação da instituição se faz presente no local todos os dias, porém o contato direto com as residentes não é diário. Já em relação aos

serviços de enfermagem, foi sinalizado que as visitas ocorrem semanalmente.

Competência em Informação para o melhoramento das práticas informacionais, proporcionar o pensamento crítico sobre a importância de tal ação e os relacionar com o bem-estar das residentes.

A nona pergunta do questionário, relacionada às buscas por datas da informação/notícia, pretendeu identificar os aspectos sobre a relevância da checagem da atualidade. Neste sentido, as 15 respondentes informaram que procuram sobre este dado e destacaram que é por meio desta prática que elas identificam se uma notícia é nova ou não. Mediante observação foi possível compreender que tal ação é feita por meio de questionamento aos funcionários do abrigo, quando o interesse pela data da notícia é fator decisivo para o compartilhamento e também por conversa entre as próprias residentes, que compartilham informações sobre os acontecimentos e notícias que são ofertadas pelas fontes disponíveis.

Conforme explicitado pela IFLA (2017), a procura por data em publicações é importante para evitar, por exemplo, a repetição de uma informação que não se faz mais relevante. Em nosso atual cenário informacional, este é um dos principais artifícios usados intencionalmente para propagar a desinformação, podendo sofrer pequenas alterações de fonte e indução a determinadas atitudes e julgamentos por meio de acréscimo de conteúdo, por exemplo.

Como pode ser visto, apesar da maioria das idosas do local não praticarem outros métodos de checagem de informações, há interesse pela data da notícia/informação, que se faz como um dos principais meios da prática informacional das respondentes para checar e determinar a veracidade do conteúdo ofertado. Apesar desta não ser uma atividade que possa ser aplicada de forma individual, já que não elimina os problemas no todo, a consciência de que informações fora do contexto atual e/ou sem data podem ocasionar problemas informacionais, pode ser considerada como uma porta aberta para o ensino das práticas da Competência em Informação para uma população com habilidade para acessar e usar informações.

Já a décima pergunta, relativa a avaliação de notícias preconceituosas, teve como intuito esclarecer os níveis de importância no que se diz respeito ao compartilhamento de informações que poderiam gerar algum tipo de

conflito. Três das respondentes disseram se importar com este tipo de conteúdo e também frisaram que isto é fator determinante para repassar a informação ou não. Outras 12 responderam que tal avaliação não se faz importante.

Quando questionadas sobre o motivo da não importância, as respondentes sinalizaram que não conversam sobre o assunto questionado. Nesta parte também houve discurso por parte de duas respondentes sobre as dificuldades de convivência com outras residentes, o que se presume que o assunto não é debatido para evitar discussões.

Apesar do esquivamento das respondentes sobre questões ligadas a informações preconceituosas, o fato de 80% da amostra não entender como importante a avaliação deste tipo nocivo de informação demonstra que o ambiente apresenta problemas resultantes da escolha explicitada. Apesar do ensino das Competência em Informação não eliminar todos os problemas que envolvem a questão, é fato que no mínimo ela irá ser analisada, o que também pode ser porta de entrada para outras atividades que tenham como foco a eliminação deste problema.

A décima primeira pergunta, referente ao costume de compartilhamento de informações sobre as notícias que recebem, teve como objetivo assimilar a prática informacional das idosas. Todas as 15 respondentes relataram que as informações recebidas são compartilhadas. Quando questionadas - por meio da décima segunda pergunta - sobre os meios utilizados para este compartilhamento de notícias, o item selecionado foi a conversa com pessoas (parentes, amigos ou profissionais do abrigo).

O panorama pode ser justificado pelo cotidiano, limitações e realidade da instituição, que oferece as idosas residentes uma rotina remansada, com prioridade nos cuidados relacionados à saúde das mesmas. Como explicitado anteriormente, as residentes do abrigo não possuem meios de busca e compartilhamento relacionados a ambientes digitais atuais e suas práticas informacionais estão embasadas em outros métodos. Desta forma, foi observado três métodos de busca e compartilhamento de informações no abrigo, que são a TV - por meio de noticiários e novelas -, as conversas informais - com colegas, funcionários e parentes -, e também em ações, como as festividades.

O cenário analisado, apesar de conter todo o suporte para as questões relacionadas aos cuidados das idosas, carece de atividades que estimulem as residentes a terem uma visão crítica das informações que lhe são ofertadas pelas fontes disponíveis. Apesar disto, foi compreendido que a prática informacional das residentes dentro da instituição está moldada pelo cotidiano vivido e as necessidades informacionais se mostraram dentro das limitações ali impostas.

É de se esclarecer que não foi do interesse o estudo a modificação drástica de tal cotidiano. O que se propôs neste aspecto foi a melhoria do cenário. Como foi observado, muitas das residentes não têm o interesse de saber de onde as informações chegam ou até mesmo de checar se determinada informação é verdadeira, o que leva ao questionamento se de fato não há o interesse ou se estas respondentes não estão aptas a tal busca informacional. Considerando a segunda hipótese, tem-se então um cenário favorável para programas que desenvolvam nas residentes habilidades informacionais que as possibilitem enxergar suas necessidades e supri-las de forma satisfatória, garantindo independência, qualidade de vida, inclusão e interação social.

Dessa forma, indica-se que a competência em informação se faz importante neste cenário, para a reinserção e reintegração dos idosos na sociedade, o que pode ser condicionante para o bem-estar dessa população. Quando um indivíduo consegue participar e interagir de forma segura, ele pode sentir-se acolhido e disposto aos desafios que o aprendizado continuado traz.

6 CONCLUSÃO

Por meio da análise da população, foi possível compreender a prática informacional das idosas de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos e também investigar os fatores que determinam o perfil da busca informacional das residentes do local. Inicialmente o estudo tinha como objetivo identificar a prática informacional de idosos nas mídias sociais, porém tal cenário não foi identificado em nenhum dos prováveis cenários de estudo, tendo seu foco direcionado então para a realidade vivida na instituição escolhida.

No que se refere às percepções sobre a prática informacional e a competência em informação, é fato que os estudos sobre as

temáticas estão em pleno desenvolvimento e tendem a se expandir cada vez mais. As temáticas se relacionam de forma clara, uma vez que a prática informacional se dá – em linhas gerais –, nos costumes em que as pessoas têm em suas buscas informacionais, de acordo com o ambiente, as relações e a vivência particular. Ela se relaciona com a competência em informação no sentido do “aprender a aprender”, ou seja, a competência informacional de um indivíduo está inserida nas suas práticas informacionais, é uma qualidade dentro do apanhado geral.

Quanto às questões relacionadas ao ensino da competência em informação aos idosos, a percepção obtida foi que esta é uma população que não é alvo frequente de tal prática. O cenário pode ser justificado pelo interesse atual nas novas gerações e nos seus métodos de aprendizado, muito ligados às novas tecnologias e seus desenvolvimentos. Isto de fato é preocupante, uma vez que os idosos, assim como todo e qualquer indivíduo, também possuem problemas relacionados às suas necessidades informacionais. Assim como as gerações posteriores, a terceira idade precisa de estímulo para desenvolver o melhor de si dentro das questões informacionais e de encorajamento para aplicar os seus conhecimentos aos novos métodos de busca e compartilhamento de informações.

No que tange as dificuldades da pesquisa, é preciso salientar as complexidades encontradas tanto em âmbito teórico, quanto nas questões ligadas aos locais a serem estudados. A busca por materiais que abrangessem a competência em informação, a prática informacional e a desinformação ligadas ao público idoso são poucas, se comparadas a estudos relacionados a outras faixas etárias, o que leva a reflexão de que tal campo ainda não foi plenamente estudado.

Como lembrado anteriormente, muitos estudos estão ligados a cenários escolares e/ou focados em locais ligados a Academia e talvez tal cenário possa ser justificado na raiz dos estudos, que tanto para a Prática Informal quanto para a Competência em Informação tem como base o estudo de usuários.

Quanto à questão dos impasses enfrentados nas instituições, cabe ressaltar a dificuldade no contato com tais entidades e em se obter informações mais profundas. Muitas delas têm um aspecto bastante fechado e não se mostram abertas a receber estudantes que visam o

desenvolvimento de pesquisa dentro da instituição. Quanto ao cenário estudado, que é uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, muito incomodou o fato de as residentes terem uma rotina informacional limitada, resumida a TV e as conversas entre elas e aos funcionários do local. Apesar de compreender a realidade do cenário estudado e também saber que existem limitações por parte da população estudada, é preciso salientar que muitas daquelas idosas estão em sua plena consciência, aptas a participar de programas que desenvolvam melhor as suas capacidades. Cabe também às instituições a preocupação em desenvolver este tipo de melhoramento.

Como explicitado anteriormente, a população tem vivido mais e melhor, e por conta disso é imprescindível o avanço nos estudos destas temáticas para esta população em específico. Desenvolver cenários de integração entre a população idosa e a tecnologia atual de busca informacional, por exemplo, faz com que a terceira idade se sinta melhor inserida no contexto atual. Esta medida também os integra com outras gerações, diminuindo conflitos. Se uma população vive mais, ela precisa viver também com uma melhor qualidade e os estudos relacionados à

compreensão das Práticas Informacionais destes indivíduos, bem como o planejamento para dar a eles uma aprendizagem autônoma e continuada, podem propiciar um dos vários melhoramentos na vida do idoso.

Neste sentido, há dois caminhos que se desenvolvem em conjunto que muito podem colaborar para um cenário mais positivo dentro das questões informacionais da terceira idade. O primeiro se dá no aumento de estudos voltados a essa população, objetivando a compreensão das suas práticas informacionais em seus diversos cenários atuais (instituições, lares, grupos de amizade, mídias sociais...) e também estudos voltados à análise destas práticas para a aplicação de projetos que desenvolvam a competência em informação de acordo com os cenários estudados, assim como funciona em ambientes escolares, universitários e de unidades informacionais. O segundo se dá na aplicação destes estudos em ações e projetos, que visem a integração da Competência em Informação junto às preocupações de saúde e bem-estar, que estejam presentes na pauta das instituições com o mesmo peso de ações ligadas à saúde, por exemplo.

INFORMATION LITERACY IN THE THIRD AGE: A STUDY OF INFORMATION PRACTICE

Abstract

It presents the result of a final paperwork that intends to analyze an informative practice of seniors in digital social media. It orientates the proposal from the theoretical support of the studies of Information Literacy of Information Practice so that as it relates. Indicates descriptive method and qualitative approach in the composition of the methodological procedure. Exposes as choices related to the composition of the sample in the selection of a group of elderly people who answered a questionnaire organized in open and closed questions, as a tool in the collection and analysis of data. It indicates as a partial result, a necessity to promote the Information Literacy to soften and/or solve informational problems related to the elderly population.

Keywords: *Third Age. Information Practice. Information Literacy. Desinformation.*

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION.
Presidential Committee on Information Literacy.
Final report. Chicago, 10 jan. 1989. Disponível

em:<<http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

_____. **Framework for Information Literacy for Higher Education.** Chicago, 11 jan. 2016. Disponível

em:<<http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>>. Acesso em: 06. Dez. 2017.

DARNTON, Robert. A verdadeira história das notícias falsas. **El País**, 1 maio 2017 [online]. Disponível

em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html>. Acesso em: 24 ago. 2017.

DATASUS: Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. População residente no Brasil segundo a região e faixa etária detalhada. 2012. Disponível

em:<<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/popuf.def>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Competência Informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p.1-22, jul./dez. 2010. Disponível

em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/7545/6994>>. Acesso em: 22 out. 2016.

FALLS, D. What Is Disinformation? **Library Trends**, v. 63, n. 3, 2015.

FLICK, Ume. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

LANKES, R. David et al. Participatory networks: the library as conversation. **Information Research**, London, v. 12, n. 4, Oct. 2007, p. 1-8. Disponível em:<<http://www.informationr.net/ir/12-4/colis/colis05.html>>. Acesso em: 9 dez. 2016.

LAU, Jesús. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Boca Del Rio: IFLA, 2007. Disponível

em:<<https://www.ifla.org/files/assets/informat-ion-literacy/publications/ifla-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 31 nov. 2016.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 24, n. 1, jan./abr. 1995. Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613/615>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, out. 2001. Disponível

em:<<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n.2, p. 109-132, 2007.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Universidade Aberta da Terceira Idade -UNATI.UERJ. **Relação das Instituições de Longa Permanência para Idosos do município do Rio de Janeiro**: 2015. Rio de Janeiro, [2015]. Disponível em:<<http://www.unatiuerj.com.br/relacao.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

VOLKOFF, Vladimir. **Pequena história da desinformação**: do cavalo de Tróia à Internet. Curitiba: Ed. Vila do Príncipe, 2004.